12 Segurança alimentar comunitária

Neste capítulo: **Página**

História: Mudanças na agricultura 218
O que é a segurança alimentar comunitária? 220
Actividade: 10 sementes 221
Nutrição e segurança alimentar 222
Quando a agricultura muda, a comida muda 223
História: Mudança na dieta alimentar afecta a saúde dos índios americanos 224
Melhorar a segurança alimentar local 225
Projectos alimentares comunitários 226
História: Escola Agrária para órfãos de SIDA 228
Segurança alimentar nas cidades 229
História: A Mercearia do Povo 229
Para construir segurança alimentar nas cidades, os governos devem ajudar 230
Política alimentar sustentável para as cidades 230
Causas sociais e políticas da fome 231
O controlo pelas empresas prejudica a segurança alimentar 231
História: Recuperar sementes perdidas para resistir à seca 232
A soberania alimentar é um direito humano 235
História: Via Campesina promove o controlo alimentar pelas pessoas 235

Segurança alimentar comunitária

Para serem saudáveis, as pessoas precisam de comer alimentos nutritivos. Se não podemos produzir, comprar ou comercializar alimentos suficientes para as nossas famílias e para nós próprios, enfrentamos a fome, a malnutrição e muitos outros problemas de saúde.

A **segurança alimentar** significa que todos têm alimentos nutritivos suficientes e seguros ao longo de todo o ano para levarem uma vida activa e saudável. Também significa que os alimentos são produzidos e distribuídos de forma a promoverem um ambiente saudável, auto-suficiência da comunidade e alimentos suficientes e bons para cada pessoa e comunidade.

A fome tem muitas causas. Algumas causas são ambientais, como o solo fraco, as mudanças no clima e a falta de água. A fome provocada por estas causas pode ser tratada através da agricultura sustentável (ver Capítulo 15) e de um uso melhor dos recursos de terra e água (ver Capítulo 6 e Capítulos 9 a 11).

Outras causas da fome são políticas, como por exemplo os preços injustos dos alimentos, não haver terra para cultivar alimentos e o controlo empresarial dos mercados e dos sistemas alimentares. A fome provocada por estas e outras causas políticas pode ser tratada através de organização da comunidade.

Para produzir alimentos, precisamos de terra, água, ferramentas, sementes e conhecimentos sobre agricultura. Para garantir que todos têm alimentos suficientes, precisamos de uma distribuição justa, preços de alimentos acessíveis, mercados locais e segurança alimentar. Para conseguir alcançá-los, temos que trabalhar por um mundo justo e sustentável. Só trabalhando no sentido de um ambiente saudável e da justiça social é que podemos garantir segurança alimentar para todos.

Mudanças na agricultura

Em Prey Veng, no Cambodja, as pessoas cultivavam arroz suficiente para se alimentarem, desde há tanto tempo quanto se lembravam. Tradicionalmente, juntamente com o arroz comiam legumes selvagens, peixe, enguias, cobras e outros animais do campo de arroz, além de frutas, nozes e raízes da floresta e carne de animais que caçavam. Esta dieta alimentar dava-lhes boa saúde ao longo de todo o ano, excepto nas alturas de guerra ou cheias.

Há mais de 40 anos, o governo começou a promover novos métodos agrícolas para aumentar a produção de algumas culturas principais, como o arroz, para exportação. Estes novos métodos fizeram parte de uma mudança a nível mundial na agricultura, a decepcionante Revolução Verde. A Revolução Verde incentivava o uso de pesticidas e adubos químicos para produzir mais arroz do que os métodos tradicionais. Além disso, usava grandes sistemas de irrigação e maquinaria para plantar e colher.

Quando começaram a usar estes novos métodos agrícolas, as pessoas de Prey Veng foram capazes de produzir grandes quantidades de arroz para vender. Elas usaram o dinheiro para melhorar as suas casas, construir estradas e comprar bens pessoais como roupas e rádios. Os aldeãos deixaram de usar estrume animal, deixaram de fazer rotação do arroz com culturas da época seca e também deixaram de usar os seus métodos agrícolas tradicionais.

Os novos métodos funcionavam muito bem para produzir grandes áreas de uma única cultura e aumentaram a quantidade de arroz que eles tinham. Mas, com o passar do tempo, eles descobriram que a sua terra e a forma como eles comiam tinham mudado. Os herbicidas mataram os legumes selvagens que os aldeãos comiam dantes. O peixe e outros alimentos selvagens eram cada vez menos. De ano para ano eles gastavam mais dinheiro em produtos químicos e não tinham mais nada senão arroz para comer. Em breve o solo nos seus campos já não suportava culturas saudáveis e os campos de arroz começaram a degradar-se.

Ao juntarem-se para discutir a fome crescente, os aldeãos lembraram-se dos métodos agrícolas antigos que usavam culturas mistas, rotação dos campos e adubos naturais para produzir culturas ao longo de todo o ano. Eles viram muitas vantagens nos métodos tradicionais e decidiram voltar atrás. Além disso, também começaram a tentar novos métodos, como por exemplo plantar as plantas de arroz mais perto umas das outras e cultivar diferentes culturas no mesmo campo.

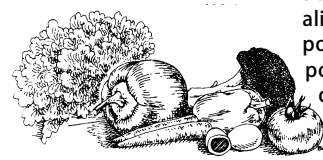
Passaram fome durante anos, enquanto o seu solo recuperava a fertilidade, depois do uso excessivo de produtos químicos, mas agora os aldeãos de Prey Veng têm mais comida. Têm menos arroz para vender, mas têm mais variedade de alimentos para comer. Meas Nee, um dos mais velhos da aldeia, disse: "Como cultivamos os alimentos tal como faziam os nossos antepassados, os antepassados estão mais contentes, os campos estão mais contentes e nós estamos mais saudáveis."

O que é a segurança alimentar comunitária?

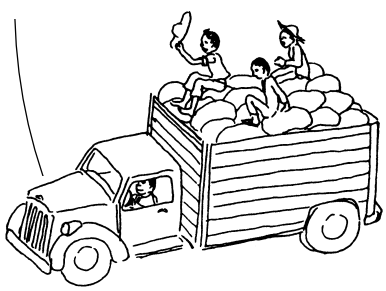
Para compreender que problemas uma comunidade tem para obter alimentos saudáveis suficientes, olhe para todas as coisas diferentes que fazem parte, em conjunto, da segurança alimentar.

Produção de alimentos. Ter acesso à terra, sementes e água, ter conhecimentos sobre agricultura e descobrir o equilíbrio certo entre os alimentos produzidos para vender e para comer.

Dinheiro, poupanças e crédito. As pessoas precisam de dinheiro para comprar pelo menos alguma da sua comida. Os produtores de alimentos precisam de crédito para terem sementes e outras necessidades, sobretudo nos anos em que as suas culturas falham.



Boa saúde. As pessoas precisam de estar saudáveis para absorverem os nutrientes dos alimentos. Quando estão fracas por causa de doenças provocadas por água não segura ou por doenças como a malária ou o HIV, elas são menos capazes de produzir alimentos para si próprias e para as suas comunidades.



Transporte e distribuição de alimentos. Uma maneira de fazer chegar os alimentos ao mercado e as pessoas aos mercados para comprarem os alimentos .

Armazenamento dos alimentos. Muitas vezes, as comunidades precisam de guardar os alimentos durante 3 ou 4 meses, para que eles durem durante a época seca ou a época das chuvas, ou por longos tempos de frio ou seca. O armazenamento dos alimentos também deve protegê-los das pragas. Se os ratos comerem metade da sua comida, você passa fome.

Os alimentos contaminados por pesticidas, produtos químicos tóxicos e micróbios ou os alimentos geneticamente modificados (GM) (ver Capítulo 13), podem estar disponíveis, mas não vão criar uma dieta alimentar saudável e segura. Além disso, sem um espaço seguro para cozinhar e tempo suficiente e combustível para preparar a comida, as pessoas comem muitas vezes demasiados alimentos processados, o que pode trazer problemas de saúde.

10 Sementes

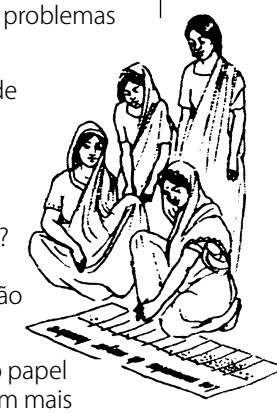
Esta actividade pode ajudar as pessoas a chegarem a acordo sobre quais são os problemas de segurança alimentar mais urgentes da sua comunidade e, depois, incentivá-las a fazerem mudanças que melhorem a segurança alimentar comunitária.

Tempo: 2 horas

Materiais: 10 sementes para cada grupo, canetas de cor ou marcadores, papel grande de cartaz

1. Dividir em grupos de 8 a 10 pessoas. Pedir a cada grupo para falar sobre as diferentes coisas que levam a ter uma segurança alimentar, como a produção de alimentos, o armazenamento de alimentos, o crédito, as lojas e mercados que vendem alimentos saudáveis, boa terra para cultivar alimentos, etc. As comunidades rurais que cultivam, caçam e pescam vão ter questões ligadas à segurança alimentar diferentes das pessoas das cidades. É importante conversar sobre as diferentes coisas que fazem a segurança alimentar no lugar onde você está. Num papel grande de cartaz, escrever ou desenhar imagens para mostrar os diferentes aspectos ligadosà segurança alimentar.

2. Dar 10 sementes a cada grupo e pedir-lhes que decidam que aspectos da segurança alimentar estão a causar problemas na sua comunidade, pondo mais sementes onde há a maior parte dos problemas. Por exemplo: Há fome para algumas famílias porque o armazenamento dos alimentos é mau? Ou porque não há transporte para obter alimentos do mercado, ou não há mercado onde você possa comprar alimentos? Ou por causa de pragas nas culturas, solo fraco ou falta de água? Isto vai ajudar os grupos a identificarem as partes mais fracas da sua segurança alimentar. Diferentes pessoas na comunidade vão ter problemas diferentes. Garantir que os problemas de todos são ouvidos.



3. Depois de cada grupo identificar os seus problemas mais urgentes de segurança alimentar, discutir quais os recursos locais que podem ajudar. Se a produção de alimentos é o maior problema, há pessoas com conhecimentos e competências para iniciarem hortas caseiras ou para melhorarem as práticas agrícolas? Se o armazenamento dos alimentos é o maior problema, que ideias podem levar a melhorá-lo? Se não há mercados, há maneira de abrir uma loja cooperativa para vender alimentos saudáveis? Ou para comprar ou partilhar um camião para trazer alimentos para a comunidade? Todas as ideias contam.

4. Depois de discutir as possíveis soluções, cada grupo deve usar outro papel grande de cartaz para desenhar ou escrever as soluções que parecem mais práticas. Depois, dividir as 10 sementes entre estas soluções, pondo mais sementes perto das soluções que parecem mais possíveis de realizar.

5. Depois de cada grupo decidir sobre os problemas e as suas soluções, juntar todos num grupo maior. Usar as 10 sementes outra vez ou votar apenas com mãos levantadas e escolher 1 ou 2 soluções mais populares. Discutir como pôr estas soluções em prática. Quem precisa de ser envolvido e que recursos a comunidade pode disponibilizar? Quando é que o trabalho pode começar? Definir objectivos de longo prazo, como por exemplo: "Passados 2 anos, ninguém na comunidade vai passar fome". Além disso, definir objectivos de curto prazo, como por exemplo obter recursos comunitários em cada mês para abrir uma loja daqui a 3 meses ou preparar a terra para plantar no início da época agrícola.

Nutrição e segurança alimentar

Quando as pessoas estão doentes ou malnutridas, elas são menos activas e menos capazes de produzirem alimentos, transportarem água e manterem uma casa limpa e um ambiente saudável.

Mas quando os alimentos saudáveis são acessíveis, produzidos de maneira sustentável e estão disponíveis nos mercados locais, as pessoas têm acesso a uma dieta variada e saudável.

Malnutrição seca: esta criança é só pele e osso

Não comer bem pode enfraquecer o corpo e pode:

- Causar **diarreia** grave, sobretudo nas crianças;
- Tornar a **varicela** infantil mais grave;
- Causar **gravidezes e nascimentos perigosos** de bebés que nascem demasiado pequenos ou com deficiências como o atraso no desenvolvimento mental;
- Causar **anemia,** sobretudo nas mulheres;
- Tornar a **tuberculose** mais comum e com possibilidade de piorar mais rapidamente;
- Tornar mais comum a **diabetes**, uma doença causada quando o corpo não consegue usar o açúcar adequadamente;
- Tornar mais frequentes os problemas menores como constipações, que podem levar à **pneumonia** e **à bronquite;**
- Levar as pessoas com HIV ou SIDA a ficarem doentes mais depressa e fazer com que os seus medicamentos não funcionem tão bem;

Malnutrição húmida: esta criança é só pele e osso e água

- Tornar mais comuns e mais graves a **fibrose pulmonar, a asma, o envenenamento por metais pesados** e outros problemas causados pelo contacto com produtos químicos tóxicos (ver Capítulos 16 e 20).

As crianças malnutridas crescem devagar e têm dificuldade em aprender na escola, ou são demasiado fracas para ir à escola.

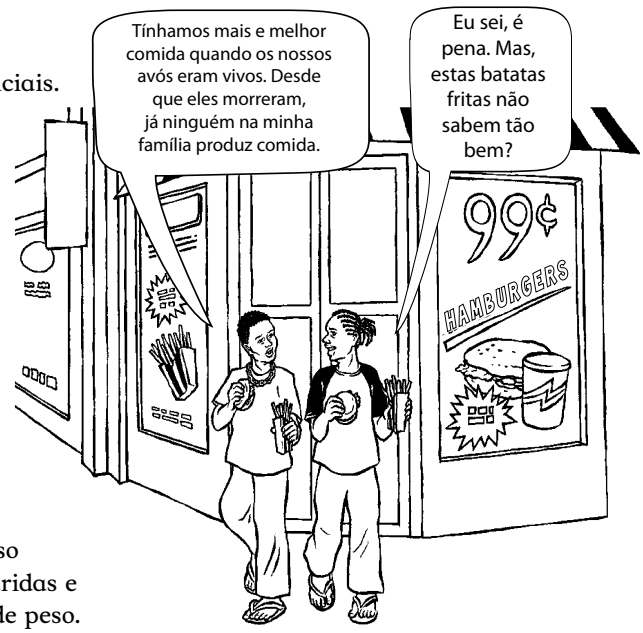
A malnutrição é um problema sobretudo para as crianças pequenas e deve ser tratada imediatamente. Para aprender mais sobre estes problemas de saúde, e sobre como é que a boa nutrição as pode prevenir, consultar o livro *Onde Não Há Médico.*

A comida "de plástico" não é saudável

Quando as pessoas não têm terra para cultivar alimentos, vivem em cidades cheias de gente, não podem comprar alimentos saudáveis no mercado ou perdem as tradições culturais que as ajudam a comer comidas saudáveis, muitas vezes acabam por comer comida "de plástico" que contém pouco valor nutritivo. Muitas vezes, estas comidas são refinadas de maneiras que retiram os nutrientes, são processadas com químicos, são fritas em óleo e contêm demasiado açúcar ou sal.

Em pequenas quantidades, esses alimentos podem não ser prejudiciais. Mas, quando as pessoas os comem regularmente, em vez de comerem alimentos mais nutritivos, eles não obtêm os nutrientes de que precisam.

À medida que as pessoas comem mais comida "de plástico", é mais provável que elas ganhem demasiado peso e tenham problemas de saúde, como pressão arterial elevada, doenças do coração, trombose, pedras no pâncreas, diabetes e alguns tipos de cancros. É por isso que as pessoas podem ser subnutridas e terem ao mesmo tempo excesso de peso.



Quando a agricultura muda, a comida muda

Em todo o mundo, os camponeses estão a ser afastados das suas terras. Os campos que produziam alimentos para as comunidades locais produzem agora culturas para exportação. O controlo crescente das empresas sobre a terra, as sementes, os mercados e as maneiras como os alimentos são distribuídos não só prejudicam os camponeses como nos prejudicam a todos nós.

Está a tornar-se cada vez mais difícil encontrar alimentos saudáveis. Em muitas cidades, é mais fácil comprar comida "de plástico", álcool e drogas ilegais do que frutas e legumes frescos. Isto trouxe grandes mudanças nas nossas dietas alimentares em apenas algumas gerações.

Enquanto os nossos avós comiam sobretudo comidas preparadas com ingredientes frescos, as pessoas agora comem comidas demasiado refinadas e processadas que não têm nutrientes mas contêm muitos conservantes, corantes e grandes quantidades de adoçantes (açúcares), sal e gorduras. Por isso, embora muitos de nós comamos mais quantidade do que no passado, os alimentos que comemos são muito menos saudáveis do que dantes.

Mudança na dieta alimentar afecta a saúde dos índios americanos

Há apenas umas gerações atrás, os índios americanos tinham uma dieta saudável de alimentos que caçavam, cultivavam e apanhavam no mato. Quando a carne, os legumes e a fruta eram poucos, eles conseguiam apanhar "alimentos de sobrevivência" como raízes, sementes, cascas de árvore e pequenos animais.

Há cerca de 100 anos, o governo dos EUA forçou os índios a viverem em reservas e não lhes permitiu caçar ou pescar. Em vez de lhes dar alimentos a que eles estavam habituados, o governo deu-lhes sobretudo farinha branca, açúcar branco e gordura animal processada. Hoje em dia, muitos índios americanos ainda comem estes alimentos do governo. Em muitas reservas, a única comida disponível é a comida de plástico frita. Até mesmo as pessoas que não receberam alimentos do governo comem muitas vezes mal, porque têm poucas escolhas.

Como foram forçados a comer muitos alimentos de baixo valor nutritivo e como não têm os alimentos de que os seus corpos precisam, muitos índios americanos têm excesso de peso e sofrem de doenças do coração e de outros problemas de saúde relacionados com uma dieta pobre. A diabetes é agora uma das principais causas de morte entre os índios americanos.

Este problema levou alguns índios americanos a começarem a recuperar a sua cultura e a boa saúde trazendo de volta as comidas tradicionais. Eles estão a plantar milho, feijão e abóbora, a apanhar arroz selvagem, a pescar e a criar carne de búfalo. Richard Iron Cloud, um índio americano trabalhador de saúde da Nação Lakota, diz: "A mudança das tradições culturais, estilos de vida e hábitos alimentares levou ao aumento da diabetes. O regresso às maneiras dos nossos antepassados pode levar a doença a ir-se embora outra vez."

As tradições agrícolas, como por exemplo produzir diferentes culturas em conjunto, podem garantir boa saúde e proteger a terra para as gerações futuras.

Melhorar a segurança alimentar local

Cada governo deve tentar garantir que as pessoas não passam fome. Os governos nacionais podem fazer políticas que promovam o uso da terra para explorações agrícolas familiares, que protejam contra a poluição as terras agrícolas, podem tornar o crédito acessível aos camponeses e podem ajudá-los a resolverem os problemas.

Alguns governos nacionais oferecem **subsídios** (dinheiro que apoia os camponeses, os compradores de alimentos, ou ambos) como forma de melhorar a segurança alimentar. Os tipos de subsídios incluem **apoio aos preços**, para ajudar os camponeses a estabelecerem um preço de mercado mais alto para os alimentos que produzem, e **controlo dos preços** para os compradores de alimentos (**consumidores**), para garantir que os alimentos importantes são acessíveis em termos de preços.

Muitas vezes, o apoio do governo é mal usado ao ser dado a empresas que são donas de grandes explorações agrícolas industriais ou que produzem e distribuem alimentos pouco saudáveis. Quando o apoio do governo é corrompido pela pressão das grandes empresas, o resultado é muitas vezes mais fome e malnutrição.

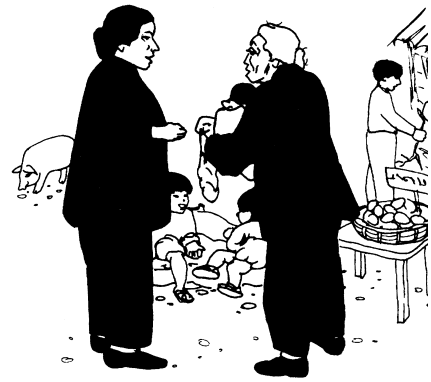
Mas, com ou sem o apoio do governo, há muitas maneiras de as pessoas melhorarem a segurança alimentar local. Desde plantarem pequenas hortas a organizarem um mercado de camponeses, as mudanças que melhoram a segurança alimentar podem muitas vezes trazer resultados mais rapidamente e motivar as pessoas a fazerem mais.

Os alimentos locais são mais saudáveis e mais frescos e apoiam a cultura local e a economia.

Projectos alimentares comunitários

A segurança alimentar é mais forte quando os alimentos são produzidos e distribuídos localmente. Os alimentos produzidos localmente são mais frescos e, por isso, mais nutritivos. Isto constrói a economia local, pois o dinheiro circula entre os camponeses, é usado nos negócios locais e ajuda a construir relações entre as pessoas, tornando as comunidades mais fortes e os lugares mais saudáveis para se viver.

Como as comunidades pobres têm muitas vezes pouca terra e poucos mercados alimentares, voltar a ganhar controlo sobre a produção e distribuição alimentar é especialmente importante para elas.



Os programas alimentares comunitários ajudam a manter a cultura na agricultura.

Formas de cultivar mais alimentos localmente

A maior parte destes projectos podem ser começados com pouca terra ou dinheiro e ajudam as comunidades a obterem mais alimentos frescos.

- As **hortas familiares** fornecem mais legumes e frutas saudáveis à refeição da família.
- As **hortas escolares** ao fornecer alimentação podem disponibilizar alimentos frescos às crianças e ajudar a mantê-las na escola. E também ensinam as crianças a cultivarem alimentos, garantindo que estes conhecimentos importantes se mantêm vivos!
- As **hortas comunitárias** disponibilizam alimentos e lugares para as pessoas se juntarem, mesmo se elas não forem donas da terra. As hortas comunitárias também podem ajudar as pessoas a aprenderem mais sobre a produção de alimentos, a desenvolverem competências e a começarem novos negócios como restaurantes e mercados. Até mesmo as pequenas hortas podem fazer uma grande diferença para a segurança alimentar.
- A **agricultura comunitária apoiada** funciona quando os camponeses vendem os seus alimentos directamente aos consumidores. As pessoas pagam aos camponeses antes de as culturas serem plantadas e depois recebem frutas e legumes frescos e outros alimentos em cada semana ao longo da época de colheita. Ao fazer este investimento, os consumidores ajudam os camponeses a manterem-se na terra e a trabalhar, ao mesmo tempo que obtêm um fornecimento de confiança de alimentos nutritivos.
- Os **programas de poupança de sementes** ajudam a garantir que os fornecimentos tradicionais de semente estão disponíveis. Uma diversidade de sementes é a base da agricultura sustentável e das comunidades auto-suficientes (ver Capítulo 15).

Tornar os alimentos saudáveis disponíveis a preços justos

O mundo produz agora alimentos mais do que suficientes para todos, mas as pessoas ainda passam fome. Isto deve-se em parte aos preços dos alimentos, que são muitas vezes mais caros do que as pessoas podem pagar, e ao facto de os alimentos saudáveis não estarem muitas vezes disponíveis para os mais pobres.

O apoio do governo é importante para garantir que os preços são justos para os compradores e vendedores de alimentos. Algumas formas de as pessoas trabalharem localmente para garantir que os alimentos saudáveis estão disponíveis a preços justos incluem o seguinte:

- Os **mercados de camponeses** reduzem os custos de transporte e a necessidade de intermediários, para que os camponeses possam ganhar mais e os consumidores possam pagar menos. Os mercados de camponeses também permitem que os consumidores encontrem e conversem com as pessoas que produzem os seus alimentos. Isto ajuda os camponeses a saberem de que é que os consumidores precisam e ajuda os consumidores a saberem o que é que os camponeses fazem para lhes trazerem os alimentos.

- As **cooperativas alimentares** são mercados que são parcialmente propriedade dos trabalhadores e das pessoas que compram os alimentos. Os membros das cooperativas alimentares pagam parte dos seus alimentos trabalhando no mercado. A maior parte das cooperativas alimentares tentam comprar e vender alimentos produzidos localmente.
- As **cooperativas de camponeses** ajudam-nos a obterem melhores preços para o que produzem e a, mesmo assim, oferecerem melhores preços aos consumidores (ver página 313).

Guardar os alimentos com segurança

Guardar os alimentos com segurança é tão importante como a capacidade de produzir alimentos ou de ter acesso a eles. Secas, tempestades, cheias, pragas ou doenças podem deixar uma família ou uma comunidade sem ter o suficiente para comer e sem nada para vender. Os programas comunitários de armazenamento de alimentos podem ajudar a ultrapassar estes problemas (para mais informação sobre como guardar alimentos e protegê-los de pragas, ver página 305; para mais informação sobre maneiras de impedir que os alimentos se estraguem em casa ver página 375).

Por exemplo, na ilha Temotu, no Oceano Pacífico, os furacões destroem frequentemente muitas culturas. Para melhorar a segurança alimentar, as comunidades constroem grandes fossos comunitários para guardar mandioca fermentada e bananas. Todos contribuem para construir e encher estes fossos. Quando as culturas são destruídas e as pessoas têm fome, elas usam estes alimentos armazenados.

Os **bancos alimentares** são lugares onde os alimentos são acumulados e depois distribuídos aos que eles necessitam. Os bancos alimentares ajudam durante as crises de fome. Mas, como as pessoas se podem tornar dependentes deles, eles não são uma boa solução para a segurança alimentar a longo prazo.

Quando regiões inteiras sofrem de fome, a ajuda alimentar das agências internacionais pode ajudá-las a ultrapassarem a crise. A ajuda alimentar é uma solução a curto prazo para a segurança alimentar, mas ela não resolve a necessidade de longo prazo de ter **soberania alimentar** (ver página 235).

Escola Agrária para órfãos de SIDA

Em Moçambique, tal como na maior parte de África, milhares de crianças são órfãs porque os seus pais faleceram de SIDA. As crianças que ficam órfãs nas zonas rurais estão em especial risco de malnutrição, doença, abuso e exploração sexual. Depois da morte dos seus pais, muitas crianças tornam-se chefes de família e têm de encontrar maneiras de ganhar dinheiro, uma tarefa difícil nas zonas rurais, onde há poucas oportunidades de trabalho.

Embora sejam de famílias camponesas, muitas destas crianças não sabem praticar agricultura, porque os seus pais estavam demasiado doentes para lhes passarem o conhecimento antes de morrerem.

Com a ajuda do Programa Alimentar Mundial das Nações Unidas e da Organização para a Alimentação e Agricultura (FAO), foram criadas Escolas Primárias Agrícolas para cuidar do número crescente de órfãos da SIDA. Nestas escolas, os jovens entre os 12 e os 18 anos de idade vivem e trabalham em conjunto e ganham conhecimentos sobre agricultura, nutrição, plantas medicinais e competências para a vida.

Os jovens aprendem métodos agrícolas tradicionais e modernos, incluindo a preparação do campo, sementeira e transplante, remoção de ervas daninhas, irrigação, controlo de pragas, uso e conservação de recursos, processamento de alimentos cultivados, colheita e armazenamento de alimentos, e competências de marketing. Dançar e cantar ajuda-os a ganharem confiança e a desenvolverem competências sociais. O teatro e os grupos de discussão são usados para conversar sobre outras importantes competências para a vida, como a prevenção do HIV e da malária, a igualdade de género e os direitos da criança.

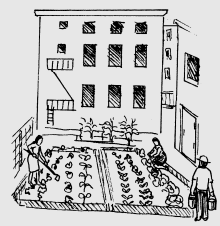
Agora há 28 Escolas Agrárias em Moçambique e há mais no Quénia, Namíbia, Zâmbia, Suazilândia e Tanzânia. Milhares de órfãos foram treinados como camponeses. Depois de obterem os seus diplomas, as crianças dão início às suas próprias pequenas quintas com o dinheiro ganho com a venda das suas culturas. Um trabalhador escolar disse: “Quando começámos estas escolas, as crianças não tinham futuro. A maior parte delas queria tornar-se motorista de camião quando crescesse, porque essa era a única opção que viam. Agora, eles querem ser professores, agrónomos, agricultores e engenheiros.”

Segurança alimentar nas cidades

A maior parte das pessoas no mundo vive agora dentro ou à volta das cidades. Muitas pessoas vivem em campos de refugiados e noutras comunidades com más condições de alojamento e saneamento e pouco acesso a empregos, água limpa ou alimentos saudáveis. As pessoas têm uma melhor segurança alimentar nas cidades quando têm empregos, dinheiro e alojamento saudável. Assim, podem comprar e comer melhor comida, cozinhar e guardar os alimentos e mesmo produzir os seus próprios alimentos nas hortas urbanas.

A Mercearia do Povo

Tal como muitas áreas urbanas nos Estados Unidos, West Oakland (na Califórnia) tem mais lojas que vendem álcool e comida de plástico do que lojas que disponibilizam alimentos saudáveis e frescos. Como as lojas que vendem alimentos saudáveis têm preços demasiado caros para a maior parte das pessoas na comunidade, muitas pessoas de West Oakland estão malnutridas ou têm excesso de peso. Os problemas de alcoolismo, abuso de drogas e violência tornam este lugar perigoso para viver. Quase uma em cada quatro pessoas depende de programas de emergência alimentar.



Ao ver este problema, algumas pessoas juntaram-se para trazer alimentos saudáveis para a comunidade, a preços acessíveis para as pessoas. Começaram por juntar dinheiro para comprar um camião. Depois, pintaram o camião com cores fortes e instalaram um sistema de estéreo que tocava música popular. Todas as semanas, iam aos mercados de camponeses noutras partes da cidade e traziam de lá frutas e legumes. Estacionavam nas esquinas das ruas onde as pessoas se juntavam, tocavam música para atrair mais pessoas e vendiam os alimentos frescos a baixos preços. À medida que vendiam os alimentos, conversavam com as pessoas sobre a importância de uma dieta alimentar saudável.

Chamaram ao seu mercado móvel a Mercearia do Povo e convidaram as pessoas da comunidade a juntarem-se a eles. Algumas pessoas decidiram começar uma horta comunitária para cultivarem produtos frescos que podiam ser vendidos no camião da Mercearia do Povo.

Os jovens e os velhos trabalharam em conjunto e aprenderam sobre como cultivar alimentos. Outras pessoas plantaram hortas por si próprias. Em breve uma escola da vizinhança e um centro comunitário também fizeram hortas. A maior parte dos alimentos destas hortas eram vendidos pelo camião da Mercearia do Povo.

Depois de terem sucesso na comunidade, a Mercearia do Povo pediu ao governo da cidade que lhes desse terra, fundos e publicidade. Com algum apoio do governo, eles pensavam que o seu projecto poderia alimentar muitas mais pessoas.

A Mercearia do Povo continua a construir o sistema alimentar e a economia local, melhorando a segurança alimentar para todos em West Oakland. A Mercearia do Povo diz que ninguém deve viver sem alimentos saudáveis só porque é pobre ou vive na cidade. Eles dizem: Para ter segurança alimentar, precisamos de justiça alimentar!

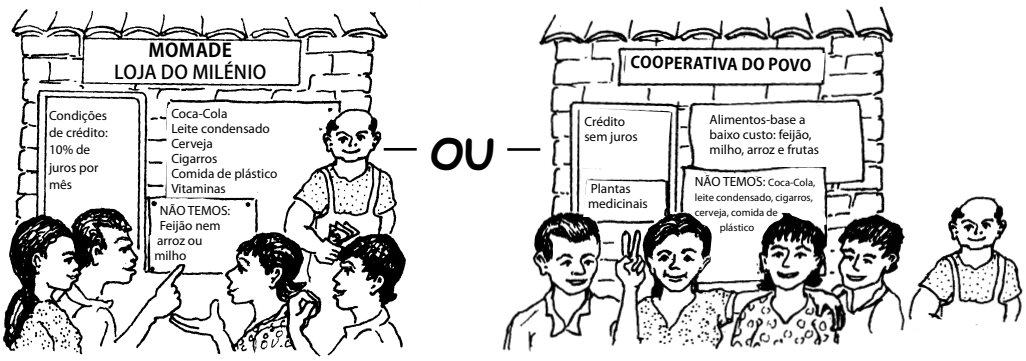
Para construir segurança alimentar nas cidades, os governos devem ajudar

A história da Mercearia do Povo mostra como as pessoas numa comunidade urbana pobre estão a trabalhar para resolver os seus próprios problemas de segurança alimentar. O programa que eles desenvolveram ajudou muitas pessoas, mas não resolveu completamente os problemas de segurança alimentar.

- Por que é que as pessoas de West Oakland não tinham alimentos saudáveis?
- Como é que a Mercearia do Povo conseguiu que as pessoas se interessassem por alimentos saudáveis?
- Como é que o governo local se podia envolver no apoio a este tipo de projecto?
- Com que outros grupos ou instituições é que a Mercearia do Povo podia trabalhar para ajudar o projecto?
- Como é que você pode ajudar a promover segurança alimentar na sua comunidade?

Política alimentar sustentável para as cidades

Para ter segurança alimentar duradoura, todos os aspectos da vida na cidade e do desenvolvimento devem ser discutidos. As pessoas responsáveis por planear o transporte, a educação, o emprego e o desenvolvimento de novas casas e povoamentos devem pensar como é que as pessoas na cidade obtêm os seus alimentos. Disponibilizar terra para hortas comunitárias, transporte para os mercados e ensino sobre as questões da segurança alimentar e nutrição nas escolas são ideias que os governos locais podem usar para ajudar as pessoas hoje, enquanto garantem que haverá melhor segurança alimentar amanhã.



As lojas que vendem alimentos saudáveis a preços acessíveis apoiam a saúde comunitária.

Causas sociais e políticas da fome

A fome pode ser causada por muitas coisas, como um solo fraco, mudanças no clima, falta de acesso a água, etc. Mas, na maior parte das comunidades, a fome também é causada pela pobreza. Nos lugares onde há pouco ou nenhum rendimento para os camponeses, ou pouco dinheiro para comprar comida, as pessoas passam fome. Para compreender as causas profundas da pobreza e da fome numa comunidade, podemos olhar para os problemas da segurança alimentar que afectam cada comunidade.

As causas sociais e políticas da fome.

O controlo pelas empresas prejudica a segurança alimentar

Quando os alimentos são tratados como apenas mais produtos a serem comprados e vendidos, em vez de algo de que as pessoas precisam e a que têm direito, o lucro da venda de alimentos torna-se mais importante do que alimentar as pessoas e a saúde comunitária sofre com isso. Muitas pessoas compram agora alimentos em lojas que são propriedade de grandes empresas. Elas compram alimentos feitos por grandes empresas, cultivados em terras que são propriedade destas empresas, usando sementes, adubos e pesticidas produzidos pelas mesmas empresas.

O controlo pelas empresas de todas as partes da segurança alimentar força os camponeses a abandonarem o negócio e as suas terras. Quando as empresas usam a terra para cultivar alimentos que vendem fora da região, as pessoas que vivem e trabalham nessas comunidades têm de comer alimentos trazidos de outros lugares, se tiverem dinheiro para os comprar.

As empresas beneficiam desta "insegurança" alimentar, uma vez que as comunidades, e países inteiros, se tornam dependentes do mercado global de alimentos. Quando o mercado não consegue satisfazer as necessidades alimentares das pessoas, estas passam fome e as empresas beneficiam novamente ao venderem alimentos aos governos para serem distribuídos como ajuda alimentar.

Até as pessoas terem controlo sobre a sua segurança alimentar, a fome vai ser o maior produto das empresas que controlam a produção e distribuição de alimentos.

Recuperar sementes perdidas para resistir à seca

No Zimbabwe, os camponeses costumavam plantar muitos tipos de cereais. Durante a Revolução Verde da década de 1960, o governo e as agências internacionais trouxeram um novo tipo de milho para os camponeses plantarem. Os camponeses gostaram deste milho híbrido, porque tinha grãos grandes, crescia depressa e era fácil de vender. O governo comprou a maior parte da sua cultura e depois vendeu-a novamente a outros países e cidades no Zimbabwe onde faltava comida. Com o passar do tempo, o milho tornou-se o alimento mais comum para comer no Zimbabwe, e a maior parte dos camponeses produzia-o em grandes quantidades.

Depois vieram os anos de seca. Caiu muito pouca chuva sobre os campos no Zimbabwe e noutros países da África Austral. O milho cresceu pouco e não havia quase mais nada para comer. Muitas famílias tinham milho para os tempos de fome, mas a maior parte do que tinham armazenado tinha apodrecido. Isto foi uma surpresa, porque a mapira e o gergelim que eles costumavam produzir tinha durado muitas épocas em armazém.

Quando as chuvas finalmente começaram, vieram grandes tempestades que desenraizaram as culturas e levaram consigo o solo precioso dos campos secos. A fome tornou-se tão grave no Zimbabwe que o governo foi forçado a pedir ajuda alimentar às Nações Unidas. Grandes cargas de milho vieram por avião e foram entregues às pessoas com fome em todo o país. Mas a ajuda alimentar e as novas sementes híbridas não podiam resolver o problema da fome e da segurança alimentar a longo prazo.

Os camponeses aperceberam-se de que não podiam trazer mais chuva, mas podiam mudar a forma como cultivavam os produtos, para fazerem um uso melhor da chuva. Começaram a recolher e a plantar sementes de pequenas culturas, como o gergelim e a mapira, que sempre tinham cultivado bem no Zimbabwe. Plantaram todo o tipo de semente que podiam obter. Se a seca destruísse uma cultura, outras sobreviveriam com certeza. Alguns camponeses deixaram a sua cultura ficar no campo para apodrecer depois da colheita, impedindo o solo de ser levado durante as chuvas fortes. Na época seguinte, o seu solo ainda estava macio e bom para plantar. Alguns camponeses plantaram feijão depois da colheita de cereais, para que estivesse sempre alguma coisa a crescer. Eles podiam dar o feijão ao gado e as plantas do feijão também ajudavam a reter e a enriquecer o solo.

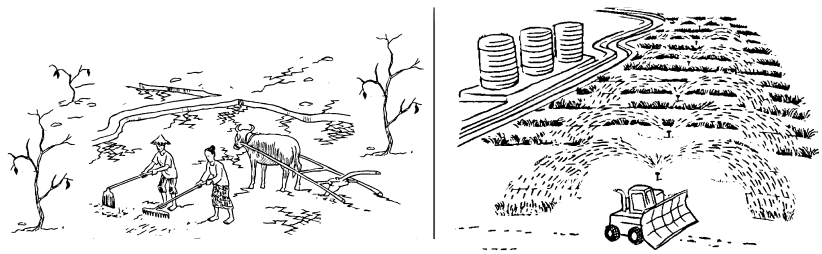
Ainda chove menos do que antigamente no Zimbabwe. Mas alguns camponeses já não dependem apenas das sementes não nativas ou da ajuda alimentar internacional e tornaram-se mais capazes de prevenir a fome, produzindo culturas que conseguem sobreviver à seca.

Os métodos agrícolas da Revolução Verde

Desde a "Revolução Verde" da década de 1960, as empresas e agências internacionais dizem que podem "alimentar o mundo" com "sementes melhoradas", adubos químicos e pesticidas. Embora elas tenham conseguido ganhar controlo sobre a terra agrícola, os fornecimentos de sementes, os sistemas de marketing e distribuição, etc., elas não conseguiram parar a fome no mundo e muitas vezes tornaram a fome ainda pior.

Acesso fraco à água

As culturas precisam de água para crescer. Como as grandes explorações agrícolas usam cada vez mais água, cada vez menos água está disponível para os pequenos camponeses. Quando a água está poluída ou é propriedade privada, o direito à água fica ameaçado (ver Capítulo 6). Há muitas maneiras de gerir os solos e a água para preservar os recursos de água (ver Capítulos 9 e 15), mas estes métodos devem ser protegidos e promovidos pelos governos e pelas agências internacionais, apoiando o direito das pessoas à água.



Perda da terra

Quando a maior parte da terra é propriedade de poucas pessoas ou empresas, isto causa muitos problemas alimentares. Muitos pequenos camponeses são forçados a deixarem as suas terras e emigrarem para as cidades, ou a trabalharem em plantações ou fábricas. Como já não têm terra para produzirem os seus próprios alimentos, ou dinheiro para comprarem alimentos saudáveis, eles tornam-se vítimas da fome e da malnutrição.

Habitualmente, as grandes explorações agrícolas e empresas vão plantar apenas uma cultura, empregar poucas pessoas, usar mais maquinaria, mais adubos químicos, pesticidas e herbicidas e vender os produtos longe do lugar onde eles são produzidos, enviando-os muitas vezes para outros países. Isto cria menos diversidade de alimentos, pior nutrição, menos rendimento para os trabalhadores agrícolas, mais estragos ambientais e menos alimentos disponíveis localmente. Isto também prejudica as culturas locais, porque as pessoas já não mantêm as suas tradições de produzirem alimentos e cuidarem da terra.

Fraco acesso ao crédito e aos mercados

Como a agricultura depende do tempo meteorológico e dos preços do mercado, os camponeses às vezes precisam de pedir dinheiro emprestado até ao tempo da colheita ou até que o mercado melhore. Muitas vezes, os bancos recusam-se a emprestar dinheiro aos pequenos camponeses, embora emprestem dinheiro às explorações agrícolas maiores e mais poderosas. Isto leva os pequenos camponeses e as suas famílias e comunidades a passarem fome. Em muitos casos, isto também os força a desistirem da sua terra.

Migração

Quando as pessoas são forçadas a deixarem a sua terra, elas também podem perder os conhecimentos sobre como produzir alimentos. Se os jovens partem para a cidade antes de aprenderem a cultivar a terra, eles nunca vão ser capazes de ensinar os seus próprios filhos como cultivar a terra e a família vai perder a terra para sempre.

Doenças epidémicas

À medida que doenças como o HIV e a SIDA, a tuberculose e a malária matam milhões de pessoas em todo o mundo, a fome e a malnutrição aumentam. As famílias e comunidades estão a perder gerações inteiras de pessoas, habitualmente as pessoas que seriam mais activas a produzir alimentos. A produção de alimentos reduz-se à medida que os camponeses morrem e o seu conhecimento sobre como cultivar alimentos morre com eles. Prevenir e tratar estas doenças não só previne a fome e a malnutrição que vêm com elas, como é importante para a segurança alimentar de toda a comunidade.

Falta de conhecimento

Em muitos lugares, as pessoas perderam o conhecimento tradicional sobre como produzir alimentos. E por causa da mudança rápida das condições, como por exemplo comunidades sobrelotadas, menos terra fértil e mudanças climáticas, os métodos antigos muitas vezes já não funcionam. Quando as pessoas não sabem como produzir alimentos, a fome e a falta de segurança alimentar são o resultado. Uma solução para este problema é manter, transmitir e melhorar o conhecimento através das escolas agrárias, dos programas de educação de camponês para camponês e dos serviços de extensão agrícola (ver página 316 e secção de Recursos).

A fome é causada pela falta de alimentos. A falta de alimentos é muitas vezes causada pela falta de justiça.

A soberania alimentar é um direito humano

Todas as pessoas têm direito a alimentos seguros, saudáveis e culturalmente aceitáveis para eles. A **soberania alimentar** é o direito a decidir sobre os nossos próprios sistemas alimentares e a garantir que todas as comunidades têm segurança alimentar.

Via Campesina promove o controlo dos alimentos pelas pessoas

Muitos pequenos camponeses não vendem a preços justos as suas culturas. Uma razão para isto é que as normas do comércio internacional beneficiam as nações ricas e os grandes proprietários de terras. Muitas vezes, os camponeses não conseguem obter preços justos, mesmo nos mercados locais, porque os produtos importados são mais baratos. Isto força os camponeses a venderem a baixos preços e leva-os ainda mais para a dívida, a pobreza e a fome.

Em resposta a este problema, os camponeses de muitos países juntaram-se para formar um movimento chamado *Via Campesina* ('A Maneira Camponesa'). A Via Campesina junta muitas organizações de camponeses para fortalecer a capacidade dos camponeses de ganharem preços justos, de preservarem os recursos de terra e água e de terem controlo sobre a forma como os alimentos são produzidos e distribuídos. Para a Via Campesina, a segurança alimentar pode ser alcançada através da soberania alimentar — quando os camponeses e agricultores têm direito a decidir que alimentos vão produzir e o preço a que os vendem, e quando os consumidores têm direito a decidir o que consomem e a quem compram os produtos.

Nalguns lugares, a Via Campesina pressiona os políticos e as empresas a responderem às exigências das uniões locais de camponeses. Noutros lugares, eles apoiam camponeses sem terra, trabalhando para reclamarem terras agrícolas não usadas. Eles também ajudam a construir instituições locais que distribuem alimentos de maneira justa aos mais necessitados.

Quando um grande terramoto e um tsunami (uma onda gigantesca) atingiram a Indonésia em 2005, a maior parte das pessoas afectadas pelo desastre foram os camponeses e os pescadores. A Via Campesina deu ajuda, mas, em vez de simplesmente trazer comida e outros materiais de fora da área, eles trabalharam com as organizações locais para comprarem alimentos, ferramentas e outros materiais aos pequenos produtores locais. Eles levantaram questões importantes, como por exemplo a origem da ajuda alimentar (se era local ou importada), a maneira como a reconstrução agrícola ia acontecer (se promovia a produção familiar ou as grandes empresas alimentares) e a forma de fortalecer as organizações locais (não as tornando dependentes da ajuda).

A maior parte do dinheiro que a Via Campesina conseguiu obter foi usado para reconstrução a longo prazo, como a reconstrução de casas e barcos de pesca, fazendo novas ferramentas para os camponeses e pescadores, e restaurando terras agrícolas para produção. Ao concentrar-se na auto-suficiência das pessoas afectadas pelo desastre, a Via Campesina promoveu não apenas a recuperação a curto prazo, mas a soberania alimentar a longo prazo.